

# LITERATURA E CULTURA

## 1 Introdução

A Literatura, como criação artística do homem, está englobada no campo da cultura. Qual, porém, sua especificidade, dentro do quadro da cultura, qual sua contribuição na descrição e na acentuação de contornos de uma determinada cultura?

É claro que a especificidade da literatura está em sua natureza estético-ficcional e em seu meio de expressão – o signo verbal de caráter polivalente.

Nesses dois aspectos basilares, a Literatura, como manifestação da Cultura, no campo das artes, se distingue da Pintura, da Arquitetura, da Escultura, da Música e da Dança.

Fugindo a esse tipo de especulação, mais adequado ao estudioso da Estética, preferimos fazer algumas colocações, aliás, apenas duas, na trilha da história da literatura, com vistas a perceber como a Literatura Brasileira concorreu para o processo de construção de nossa cultura.

Por isso, não nos preocupam indagações de ordem antropológica acerca de como se origina a nossa cultura; não vamos pender para as questões que tentam, explicitar como a cultura brasileira vai surgir do amálgama das culturas das três raças que nos formaram: a branca, a índia e a negra; nem como o meio, nem como nossa geografia aquinhoou nossa cultura, impulsionando-o para a diferenciação; nem vamos indicar a presença de elementos sedimentados dessas três culturas na nossa cultura, a não ser, quando já indiscutivelmente transformados em elementos da cultura brasileira, como o traço da malandragem, como veremos bem adiante.

## 2 Desenvolvimento:

Como país colonizado, por muito tempo, nas esferas superiores da cultura, manifestas nas expressões das artes, dávamos continuidade aos padrões culturais europeus. À medida, porém, que o tempo avança, o Brasil vai emergindo, lenta e paulatinamente, do “mare magnum” da cultura do colonizador, exteriorizando um perfil distinto, próprio, cujo registro se faz, exatamente, por intermédio da literatura, desde os primórdios do século XVII, aos nossos dias, nas obras de Bento Teixeira Pinto, Gregório de Matos Guerra, Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga<sup>1</sup>; nos nossos poetas e romancistas, ardorosamente, como Gonçalves Dias (a exaltação do índio), José de Alencar (a celebração do concíbio do português com o índio) e

Castro Alves (o poeta da dor africana); com lucidez e ironia, em Machado de Assis e Lima Barreto (lembremo-nos do Machado do Instinto de Nacionalidade); e, crítica e reflexivamente, nos escritores do Modernismo, com destaque a Mário de Andrade e Oswald de Andrade, (este, sobretudo, de seus manifestos). Há, igualmente, de se pontuar a contribuição relevante da “literatura regionalista”, a demarcar nitidamente uma imagem do Brasil diferenciadora e diferenciada, a nível nacional, e, sobretudo, no quadro geral da cultura do Ocidente.

Sabemos muito do ideário modernista de nossa literatura, cuja força determinante se voltava para o estabelecimento da tipicidade brasileira, para a determinação do caráter nacional, daquilo que nos faria diferente do europeu; como, antropológicamente, nos diferenciamos do outro; tupy or not tupy, it is the question.

A Literatura apresentava à nação Macunaíma, na prosa; Cobra Norato, na poesia; e nossa específica feição, individualização será o apanágio da Literatura dos anos 20. Mais próxima de nossos dias, está a obra de João Guimarães Rosa, que, com Grande Sertão Veredas, apregoa, alto e bom som, nossa brasilidade e nos inscreve no panorama global da cultura humana.

Com a maioria de nossa literatura, alcançamos, também, a maioria de nossa cultura, que, então, apresenta um “facies brasiliensis” bem recortado.

Além dessa colocação de registro de nossa cultura, através da literatura, na fixação de tipos regionais, anotação de costumes, pormenorização de comidas, descrição de práticas e credences religiosas, referência aos componentes raciais<sup>2</sup>, pinturas dos espaços físicos e sociais, e, sobretudo, na utilização da língua portuguesa, nos moldes de um tipo de fala bem brasileira, com o intuito de alardear uma diferença bem clara entre cultura lusa e cultura nacional, possuidora, esta última, de um matiz linguístico singular e caracterizador – a fala brasileira; além dessa colocação de registro, portanto, outra colocação, a segunda das duas anunciadas, não menos importante, deve-se fazer: trata-se de explicitar a contribuição da literatura na formação de nossa consciência nacional, de nossa identidade cultural, feita, por vezes, de modo velado, por vezes, de maneira explícita, nas intenções de afirmação de nossos valores, de nossos modos de ser e de sentir, o mundo em suas grandezas e imperfeições, no levantamento dos tipos populares<sup>3</sup>, tudo, porém, bem à moda brasileira, patenteada na poesia e na prosa de nossos escritores, do período colonial aos nossos dias.

Poderíamos lembrar, à feição de exemplo, apenas um caso, para confirmar nossa colocação de que a literatura contribuiu e continua contribuindo para a construção de nossa identidade cultural: queremos nos referir à figura do malandro em nossa cultura, moldada por criadores literários e estudada por ensaístas e críticos, como Otto Maria Carpeauy, Roberto Schwarz, Roberto da Matta, Antônio Cândido<sup>4</sup>.

Herança pensinsular da personagem picaresca, o malandro recebeu tratamento em nossa literatura, desde Memórias de um Sargento de Milícias a Macunáima, Serafim Ponte Grande. Se esse ser tem lugar de destaque na literatura erudita, como nos lembra Antônio Cândido, no ensaio a "Dialética da Malandragem"<sup>4</sup>, bem nítida também é sua presença na literatura popular de Cordel, nas personagens de João Grilo, João Leso, Pedro Malasartes.

O malandro, por fim, de molde picaresco bem brasileiro, evidencia um "modus vivendi" bem característico de nossa cultura, onde se registra e se elabora um tipo que bem encarna uma figura social constituída, a partir de nossas condições sócio-econômicas<sup>5</sup>.

A par desses dois canais de relação entre Cultura e Literatura, dentro de nossa realidade, o registro de nosso percurso histórico na trajetória de nossa cultura e a intencionalidade de contribuir no estabelecimento de nossa identidade cultural, gostaríamos de realçar, também, no caso nordestino, por ser de nosso melhor conhecimento, o contributo da literatura popular ou oral ou Literatura de Cordel, no recorte de nossa cultura.

Se acompanharmos o Cordel Nordeste, de suas origens aos nossos dias, perceberemos nossa herança cultural ibérica, em seus valores transcendentais e materiais e, também, como nos distinguimos em relação a Portugal e Espanha e, dentro do Brasil, como apresentamos um perfil diferenciado.

Na voz dos poetas populares e dos cantadores, podemos ouvir os acordes de nossa cultura, seus ritmos e cantos, suas plangências e seus saltérios, e a acompanhar a saga dos retirantes, dos cangaceiros e dos beatos, em suma, a epifania da cultura nordestina, na letra e na criação da Literatura de Cordel. Se esse papel é válido no tocante à literatura popular nordestina<sup>6</sup>, com igual razão podemos atribuí-lo às outras manifestações de literatura popular, em todos os quadrantes do Brasil.

Enquanto estamos a tratar das relações entre Cultura e Literatura, nos limites estreitos de apenas dois ângulos - registro e contribuição - e no território restrito da história da cultura brasileira, não podemos olvidar o debate atual acerca, exatamente, das relações entre cultura e literatura no cenário mundial<sup>7</sup>.

Anuncia-se a morte da literatura, propala-se o esgotamento do cânon ocidental e tem-se da cultura uma visão mais de superfície, destituída do valor profundo, no sentido kantiano, e encaminha-se para a defesa de uma universalização, a partir de um aspecto exclusivamente econômico, tendo-se em mente a idéia de globalização, a que devem estar, hoje, sujeitos todos os povos.

O avanço da Informática e da Mídia, consciente ou inconscientemente, se volta contra a literatura. Apregoa-se o fim das utopias, alardeia-se a ineficácia da Estética, propala-se o surgimento de uma nova cultura, sob signo do tecnológico e do econômico, com recusa dos atrativos da arte, em suas manifestações do sublime e da grandeza, com certa ojeriza à grande ficção, com certa aversão à poesia, ao oferecer ao consumidor, "como nos diz Leila Perrone -Moisés produtos transnacionais padronizados, uma espécie de moda-mix na cultura e nas artes".

Sob o império ditatorial dessa cultura globalizada, imergiriam no esquecimento as culturas nacionais, juntamente com o naufrágio da literatura de cada povo. Esse grande impasse da chamada pós-modernidade, "com a generalização do texto, a indiferenciação dos gêneros e a abolição dos critérios estéticos, postos a serviço da informática e da indústria cultural", como mais uma vez nos fala Leila Perrone-Moisés.

Eis a grande questão do momento: a nova visão da Cultura e o novo entendimento da Literatura.

### 3 Conclusão

Em suma, podemos pôr à discussão que é na literatura que palpita a vida brasileira, na exposição e debate dos temas e das questões que intendem com a cultura nacional.

Basta que recordemos o papel desempenhado por nossa literatura, através da obra de Sílvio Romero, Euclides da Cunha (principalmente de Os Sertões), Nina Rodrigues, Manuel Bonfim, Gilberto Freyre, no campo da ensaística; através da obra de poetas e ficcionistas, como Gregório de Matos Guerra, Gonçalves Dias, José de Alencar, Castro Alves, Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, no registro da nossa cultura, acompanhando-lhe os passos de sua configuração, ajudando a manter acesa a consciência de sua existência e na contribuição de sua construção, revelando-lhe trações indelévels, propondo-lhe caminhos e rasgando-lhe o destino.

Na nossa literatura, afinal, tanto na erudita, como na popular, é que vamos encontrar nossos traços culturais, no registro dos mitos, na proposição dos nossos temas, nas criações de nossos símbolos, tudo isso proposto na visão de nossos poetas e na elaboração de nossos ficcionistas.

Paralelamente a essas considerações, devemos estar preocupados com o debate hodierno e vermos como salvar os valores mais profundos da cultura e da literatura, postos em xeque pelo econômico, em seu processo de globalização, e pela máquina poderosa da mídia, que estão a criar novas relações, a propor novo entendimento da cultura e da literatura, esvaziadas da sedução, do poder do estético<sup>7</sup>.

### Notas

<sup>1</sup> Antônio Cândido chama-nos atenção para o fato de que poucas literaturas são tão conscientes de sua missão his-

tórica, como a nossa que surge como uma “literatura empenhada”, a exprimir “certa encarnação literária do espírito nacional”. Formação da Literatura Brasileira v.1 p.26. 1981.

<sup>2</sup> Em relação ao problema racial e à importância do meio, na formação de nossa cultura, Renato Ortiz, nos capítulos I e II de Cultura Brasileira e Identidade Nacional, apresenta comentários muito esclarecedores, abordando teorias estrangeiras e pontos de vista nacionais.

<sup>3</sup> A esse propósito, ler “O mundo do trabalho e seus Avessos: a questão literária: de Zenir Campos Reis, in BOSI, Alfredo (organizador). Cultura Brasileira – temas e situações. São Paulo, Ática, 1987. P.42-57.

<sup>4</sup> Na análise a que Antônio Cândido submeteu Memórias de um Sargento de Milícias, no seu texto Dialética da Malandragem, fica bem claro que nossa literatura, em obras como o romance de Manuel Antônio de Almeida, espelha com certo realismo nossa cultura. Flagrada em um dos seus aspectos singulares – nosso lado malandro -, ela se revela em seu todo, no “jogo dialético da ordem e da desordem”, perfilando os que compõem os dois campos opostos, mas integradores de nossa realidade, ao tempo do Rei, cujos reflexos ainda hoje são bem visíveis no nosso cotidiano urbano e rural, apesar das transformações operadas em todos os campos da vida econômica e social do Brasil.

<sup>5</sup> O malandro de Manuel Antônio de Almeida, que da vida pulou para o romance, saltou para o teatro (Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, por exemplo), invadiu a música popular, contribuindo para a letra do samba (Moreira da Silva et alii); serviu de argumento à Ópera do Malandro de Chico Buarque) é hoje uma espécie em extinção.

*O malandro, tipo social bem definido, com andar característico (a ginga), com arma especial (a navalha), com fala mansa (ou expressão de gíria), está em processo de metamorfose em novo tipo social, impulsionado pelas atuais condições sócio-econômicas, como nos está a indicar o romance Cidade de Deus – de Paulo Lins.*

<sup>6</sup> Em relação ao Cordel, é muito apropriado, à nossa tese, o depoimento de Mark Curran: “Cedo descobri que a maior

influência literária popular no cordel não era a dos contos de fadas ou a dos romances de ficção, e sim a tradição heróica de épocas passadas de Portugal e Espanha, princípios latinos e até orientais. Embora fosse um discurso de ficção, nele se podia aprender muito sobre o Brasil e os brasileiros: antes de mais nada, a visão do mundo dividido entre o Bem e o Mal, a luta para vencer os obstáculos aos bens do amor, da família, da amizade, da fé, do direito e de Deus.” CURRAN, Mark, 1998, pp. 12 e 13.

<sup>7</sup> Sobre esse assunto da Literatura, nos dias atuais, veja-se “A Literatura na Era da Globalização”, in Perrone-Moyses, Leila: Altas Literaturas. São Paulo, Companhia das Letras – p. 203-215.

#### 4 Bibliografia (mínima)

1. BOSI, Alfredo (organizador) Cultura Brasileira, temas e situações. São Paulo, Ática. 1987.
2. CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade. São Paulo, Editora Nacional. 1967.  
\_\_\_\_\_. Formação da Literatura Brasileira 6° Ed. Belo Horizonte, Itatiaia. 1981.
3. CURRAN, Mark. História do Brasil em Cordel. São Paulo, EDUSP, 1998.
4. DACANAL, José Hildebrando. Dependência Cultural e Literatura; São Paulo, Ática, 1978.
5. LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1986.
6. PERRONE, Moisés, Leyla. Altas Literaturas. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.
7. ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e Identidade Nacional 3° Edição. São Paulo, Editora Brasiliense. 1984.
8. SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de História da Cultura Brasileira. Rio, Civilização Brasileira. 1970.